EPEPE IV Encontro de Pesquisa Educacional em Pernambuco
Pesquisa e Educação na Contemporaneidade: Perspectivas Teórico-Metodológicas
Caruaru, 13 e 14 de setembro de 2012

Eixo Temático 2 - Educação e Memória

RECORDAÇÕES MARAVILHOSAS DA INFÂNCIA: A MEMÓRIA COMO FONTE DE RESGATE DAS BRINCADEIRAS TRADICIONAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ana Maria Souto Luz da Silva - UFRPE/UAG
Maria Jaqueline Paes de Carvalho - UFRPE/UAG

Resumo

Considerando que a vida da criança gira em torno do brincar, que este ato é importantíssimo para a constituição do ser humano, vê-se a necessidade de resgatar aquelas brincadeiras tradicionais, que remetem a recordações da infância de muitas pessoas, uma vez que o brincar, ao longo do tempo, vem sofrendo grandes modificações. Contudo, este trabalho traça o objetivo de conhecer as brincadeiras vivenciadas antigamente. É o fruto de uma pesquisa feita na Cidade de Saloá/PE, através de entrevista com um idoso da comunidade. Como fundamentação teórica trás um panorama histórico geral sobre as brincadeiras infantis no Brasil, com base em Atman (2008). Em seguida, defende a ideia de que brincar se aprende brincando, mostra o percurso que favorece a aquisição da aprendizagem na criança, de maneira a respeitar seu desenvolvimento. Para tanto, tem-se apoio nos estudos de vários autores, dentre eles, Borba (2007); Dornelles, (2001); Kishimoto, (2004); Leontiev, (2006). Como implicação pedagógica, este estudo enfatiza a importância do educador se utilizar da memória como fonte histórica, estimulando as crianças de hoje conhecerem outras possibilidades de brincadeiras, inclusive, tradicionais.

Palavras-chave: Brincar. Educação Infantil. Brincadeiras Tradicionais ou populares.

Introdução

Atualmente em nossa sociedade as principais instituições responsáveis pelo cuidado e educação das crianças continuam sendo as famílias e as escolas. Considerando todas as modificações que a sociedade sofreu ao longo do tempo, especialmente em relação à família, que, muitas vezes, não têm tempo para dar a devida atenção a seus filhos talvez pelo ritmo acelerado de trabalho que adotaram, deixam de estar com os filhos, por trabalharem cada vez mais, no intuito de talvez dar uma vida

melhor em relação à que tiveram na infância, ou o que gostariam que eles tivessem quando adultos.

A esse respeito, Borba (2007, p.34) aponta que “queremos ver a nossa própria infância espelhada ou o futuro adulto que ela se tornará, reduzindo a criança a nós mesmos ou àquilo que pensamos, esperamos ou desejamos dela e prá ela”.

Assim, muitos esquecem que a criança necessita principalmente de carinho e atenção, para que ganhe confiança e sinta-se valorizada. Essa situação ressalta a enorme importância das instituições de Educação Infantil considerar a criança como sendo um sujeito que constrói sua história a partir de suas vivências, das relações que estabelece com o outro, com a cultura e, sobretudo, com o brincar. Logo, o lúdico proporciona à criança desenvolver-se em suas capacidades cognitivas e emocionais, favorecendo-a expressar-se conforme o que deseja. O brincar é inerente à infância, período da vida que possui características como: fantasiar, imaginar, expressar-se, construindo seu aprendizado efetivamente. Em uma situação imaginária, a criança incorpora elementos do contexto cultural adquirido por meio da interação e comunicação (VYGOSTKY, 1988 *apud* KISHIMOTO, 1994).

Este trabalho tem o intuito de resgatar aquelas brincadeiras de antigamente, que remetem a recordações maravilhosas da infância de muitas pessoas e procurar inseri-las no cotidiano das crianças, bem como no âmbito escolar, contribuindo para uma aprendizagem significativa e para o resgate de nossa história cultural. É chegado o momento de resgatarmos o prazer do afeto, da solidariedade, da compreensão que só a brincadeira com o outro pode proporcionar, nesse resgate torna-se essencial que o educador reflita sobre novos modos de fazer uma educação, de forma a garantir que o brincar faz parte da criança (DORNELLES, 2001).

Contudo, indagamos o seguinte questionamento: *as brincadeiras tradicionais podem ser resgatadas no âmbito escolar infantil?* Para tanto traçamos como objetivo conhecer as brincadeiras vivenciadas antigamente. Com isso, procuramos identificar as brincadeiras vividas pelo idoso da região, como forma de resgate da memória de sua infância.

Encontramos resultados favoráveis ao resgate das brincadeiras tradicionais, foco central da pesquisa, enfatizando a busca por novas possibilidades que venham a contribuir para a educação infantil e que leve o aluno a sentir-se criança, em seu contexto social e cultural e não um adulto em miniatura.

1 Uma viagem na história a bordo das brincadeiras infantis

1.1 Bem vindo os índios, trazendo em sua bagagem o faz de conta...

A criança desde que nasce está despertando para o mundo que a cerca, é o que chamamos de ciclo da vida, o tocar, o sentir, vão sendo apresentadas sob formas de brincar, que com seu desenvolvimento irão transformando-se, seja em qualquer etnia. Atman (2008) em seu artigo intitulado de "Brincando na História" nos aponta de forma pertinente a história do brincar no Brasil, quais foram os primeiros passos dessa história cultural.

> O seio oferecido, os olhos apaixonados que seguem seus movimentos, o contado com a face da mãe que embala, o sorriso do pai que o recebe nos braços são os primeiros brinquedos do bebê. Aos poucos ele percebe as próprias mãos, segura os pés, tateia o nariz, orelhas, boca, despertando seus sentidos num mundo de descobertas. É a aventura de descobrir-se e reconhecer sons, cores, formas (p. 231).

Atman (2008) cita ainda, a percepção do indiozinho que há quinhentos anos nascia no Brasil, onde "ao observar as folhas verdes que balançava ao vento, o bater das asas da borboleta, o barulho das chuvas, as vozes dos animais, o brilho do sol, a claridade da lua", tudo isso fazem parte da vida do índio, estas percepções iriam levá-los mais tarde a também observarem a natureza de forma a extrair dela matéria prima para fabricação de seus próprios brinquedos. Sementes de frutas, pedras, seixos de madeira, asinhas de animais, conchas, terra, folhas e cascas de árvore servem de fôrma para o barro, pernas de asas de aves transformadas em objetos, dos quais apenas a rica imaginação infantil daria sua serventia.

1.2 Com os negros o brincar se misturou...

Os portugueses com medo de perderem as vantagens conquistadas na nova terra, resolveram investir no trabalho escravo africano, por volta do século XVII e XVIII.

As crianças brancas quando bebês ganhavam amas africanas, as quais eram chamadas de Yayás. Mais tarde quando estavam mais crescidas as crianças, sobretudo, os meninos ganhavam "um brinquedo" um moleque negro que para tudo serviria, "de

amigo, de cavalo de montaria, de carro de boi em que um barbante serve de rédea e um galho de goiabeira, de chicote". Esta criança negra era chamada de "mané-gostoso", os "leva-pancadas" (KISHIMOTO, 2007).

Com a miscigenação índio-branco-negro e a falta de documentação sobre brincadeiras tipicamente africana trazidas pelo negro no período colonial, não se pode ao certo especificar o que a influência africana trouxe para o folclore infantil. Sabe-se, no entanto, que foi por meio da linguagem oral que a Yayá (mãe-preta) que cuidavam com todo o mimo dos filhos dos seus senhores, acabou transmitindo para as crianças o conto, as lendas, os mitos, as histórias de sua terra, as quais foram trazidas para a África da Europa, do Oriente, e acrescidas de influências tribais e religiosas.

1.3 Com os portugueses, vieram os brinquedos....

Os Portugueses, como colonizadores, tinham maior poder aquisitivo, com isso viajavam a Europa, traziam brinquedos confeccionados em indústrias, a princípio eram miniaturas de objetos utilizados pelos adultos. Mais tarde estes objetos foram sendo substituídos por peças maiores, a maioria eram bonecas de porcelana e soldadinhos de chumbo.

Ao final do século XIX, no Brasil, surgiram pequenas indústrias que começaram a confeccionar alguns brinquedos: os carrinhos de madeira, as bonecas, os trenzinhos de metal e os materiais eram cada vez mais sofisticados. É chegado o momento de todas as crianças desejarem ter um brinquedo comprado pronto, não mais apenas inventá-lo e fabricá-lo, mesmo as que não tinham condições de tê-los, usavam sua imaginação que é própria da criança, a fantasia de sonhar com aquele brinquedo estaria sempre presente na vida da criança.

No atual contexto social as ruas que antes serviam de "pátio" para as crianças brincarem livremente, são ocupadas por veículos, cada vez mais velozes, é preciso que as crianças agora brinquem nos quintais, dentro de casa, na vila, no pátio da escola, nos corredores dos edifícios, os espaços tornaram-se pequenos demais (ATMAN, 2008).

Por tudo isso, vimos que o brincar e as brincadeiras foram e são construídas culturalmente, tendo influência das várias gerações, etnias e ainda assim são vividas até hoje entre as crianças de todo o mundo, sem exceção. Pois "o brincar vai sendo construído, modificando-se e renova-se a cada novo brincar" (DORNELLES, 2001).

2 Brincar se aprende brincando

A brincadeira tradicional considerada como parte da cultura popular, sendo um elemento pertencente ao nosso folclore, encontra-se na memória infantil de várias gerações precisando ser repassadas de maneira que possam perpetuar a cultura infantil, desenvolvendo formas de convivência social permitindo o prazer de brincar. Não podemos deixar morrer as histórias e tradições das brincadeiras infantis (KISHIMOTO, 1994, 2007, 2009).

A cultura lúdica contemporânea encontra incentivo na mídia, que cada vez mais procura estimular bombardeando as crianças por meio da televisão, com brinquedos cada vez mais tecnológicos, acarretando em uma sociedade consumista, na qual as crianças "brincam de colecionar brinquedos" (SANTOMÉ, 2001).

Neste contexto, torna-se natural as crianças deixarem de lado seus brinquedos, desfruta-os por pouco tempo na intenção de conseguir novos, de determinadas marcas que venham a completar sua coleção. É essencial, então, resgatar as brincadeiras de antigamente, bolinhas de gude, carrinhos de rolimãs, pega-pega, passa-anel, roda pião, soltar pipa, pular corda, entre tantas outras. Para que a cultura do brincar não fique perdida no tempo, mas sim seja resgatada sempre de forma a contribuir para a formação da criança, ampliando seu universo cultural.

2.1 Com Brinquedos...

O brinquedo é entendido como objeto, suporte da brincadeira, é um estimulante material capaz de fluir o imaginário infantil, para isso se faz necessária a "ação lúdica", a "brincadeira". Esta é a ação que a criança desempenha sobre o brinquedo, caso contrário não passaria de um simples objeto de decoração em casas ou objeto simbólico em instituições infantis (BROUGÊRE 1981 apud KISHIMOTO, 2004; KISHIMOTO, 2009).

Seguindo essa mesma linha, Leontev (2006) concorda em relação ao brinquedo como objeto, relata o fato da criança que vê um carro em movimento, para ela não basta apenas observar, precisa "agir" sobre ele, guiar esse carro, promovendo o "papel lúdico" que é a "ação" sendo produzida pela criança.

As instituições de Educação Infantil são convidadas a inserir em sua prática um ensino que contemple a brincadeira como sendo atividade essencial ao desenvolvimento infantil. Dornelles (2001) nos fala em relação à brincadeira:

> A brincadeira é algo de pertence à criança, a infância. Através do brincar a criança experimenta, organiza-se, regula-se, constrói normas para si e para o outro. Ela cria e recria, a cada brincadeira, o mundo que a cerca. O brincar é uma forma de linguagem que a criança usa para compreender e interagir consigo, com o outro, com o mundo. [...] É pelo brincar que as crianças se expressam e se comunicam. É através das brincadeiras que elas começam a experimentar e a fazer interações com os objetos e as pessoas que estão a sua volta (p. 104).

Não é por acaso que o brincar é tão importante no desenvolvimento das crianças, pois é através das brincadeiras que as formas de comportamento são experimentadas e socializadas na interação. Isso ocorre de maneira gratuita com a criança, à aprendizagem se dá naturalmente no convívio com a família e junto à comunidade, é nesse contexto que ela troca experiências e vai interiorizando os valores e costumes do seu grupo social, e assim irá internalizando e criando sua própria cultura.

2.2 Com o outro ou sozinho: brincar livre e dirigido...

Aguiar (1998 apud CARVALHO, 2010, p. 05) referindo-se ao professor quando diz que: [...] “interagindo com seus alunos, brincando, ele será um mediador do conteúdo histórico, deve conhecer o universo infantil, condição essencial para que a brincadeira torne-se uma ferramenta efetiva”.

Dentro dessa perspectiva, o brincar livre e dirigido são aspectos essenciais na relação professor/criança, levando em conta que tanto o professor permite quanto propicia os recursos necessários para que a ação do brincar ocorra no ambiente de educação infantil de maneira equilibrada.

O brincar faz com que a criança tenha a oportunidade de experimentar, explorar e investigar os diferentes materiais, por si mesma. É somente depois dessa exploração inicial que o professor deverá usar os materiais em situação dirigida, com a finalidade de favorecer a criança a aprender a solucionar problemas e o brincar vem contribui para esse processo, uma vez que serve tanto para identificar as necessidades individuais quanto para proporcionar medidas paliativas. Para tanto cabe ao professor como mediador se utilizar do brincar. (BRUNER, 1978 *apud* CERISARA, 1998; MOYLES, 2002).

2.3 Com a imaginação e o encantamento do faz de conta...

Borba (2007) nos fala claramente que devemos observar as crianças além dos muros da escola, em suas brincadeiras, pelo que elas demonstram quando constroem seu brincar: “Quando a criança brinca de ser “outros” (pai, mãe, médico, fada, bruxa, ladrão polícia, etc.) refletem sobre suas relações com esses outros e tomam consciência de si e do mundo, estabelecendo, outras lógicas e fronteiras de significação da vida (p. 36).

Então, torna-se indispensável que se resgate esse mundo encantado, no qual a criança aprende a sonhar, se imagina nas mais variadas tarefas do dia-a-dia, inclusive se coloca no lugar de pessoas que gostaria de ser, de estar, em determinados momentos da vida, como afirma Santomé (2001, p. 92):

> [...] o jogo do faz de conta surge em um momento do desenvolvimento humano em que os adultos exigem das crianças que aprendam a suportar a não satisfação imediata de seus desejos. [...] o jogo imaginativo adquire mais força durante a educação infantil, pelo qual, as crianças criam situações imaginárias, em que têm possibilidade de obter gratificação imediata, o que torna a vida real mais fácil de ser levada.

A realidade assume um papel junto ao mecanismo psicológico da imaginação e da atividade criadora que com ela se relaciona, este mecanismo pode ser mais bem compreendido a partir das diferentes formas de vinculação existente entre a fantasia e o real na conduta humana (VYGOTSKY, 1987 *apud* CERISARA, 1998).

3 Metodologia

Este trabalho trata de uma pesquisa com abordagem qualitativa, etnográfica, em que os dados foram obtidos a partir de entrevista. Esta pesquisa deu-se no município de Saloá, localizada no agreste pernambucano.

Participou como sujeito deste estudo um idoso da comunidade, do sexo masculino o **Sr. LS.** com idade de 63 anos, tem curso superior incompleto, em direito, no Rio Janeiro. Não completou sua escolaridade, por não querer exercer a profissão. No entanto, trabalhou como diretor de uma grande empresa nessa mesma cidade.

A entrevista com o idoso se deu a partir do propósito de conhecer como era o brincar na infância dessa pessoa, com intuito de fazer o resgate dessa memória, os dados

desta entrevista após ser gravado em aparelho de MP4, foi transcrito e utilizado na análise de dados.

4 Análise de dados

A seguir, apresentamos os dados analisados, será discutida a entrevista feita com o idoso da comunidade, o **Sr. LS.**

Inicialmente, quando perguntado sobre de que, como e onde brincava quando criança, logo se percebe em sua resposta a predominância da brincadeira de faz de conta.

Em relação ao seu brincar na infância, diz:

> Brincava de carrinho mais um dos meus irmãos, nois mesmo fazia os carrinhos, não tinha dinheiro pra comprar não, depois brincava de comprar e vender gado, com nota de bala, cada bala era uma nota, cada um tipo de bala era um valor, pra comprar gado e vender. O gado, sabe o que era? Era os ossos de gado que morria, a perna era um tipo de gado, a junta era outro, o casco era outro, era bezerro. Eu comprava e vendia mais meus irmãos, nos fazia os currais, tirava pau pra fazer na mata, amarrava os barbantes nos pauzinhos. Quando mamãe costurava, aí ela dava os carretéis de linha pra gente quando acabava, e agente fazia os carrinhos, passava carvão no eixo do carretel pra quando o carro andasse, fazer barulho. Agente fazia uma taba com dois furos, dois cortes pra botar no carretel, um na frente e outro atrás, aí agente saia empurrando, e passava carvão no eixo que ele cantava, piinnnn! Pra fazer o barulho do carro de boi. Fazia carro de boi, caminhão.
>
> Nois brincava ao redor de casa, mamãe não deixava agente sair não. Agora em casa, mesmo assim os meninos, e as meninas não entravam na jogada não. Lá em casa nois não entrava no quarto das meninas e quando nos saia do quarto era que elas iam arrumar a cama, varrer, era tudo separado. Brincava na escola também (Sr. LS).

O Sr. LS era quem fabricava seus brinquedos, usava-se a imaginação, remetendo-se também a época dos índios, na história, onde os brinquedos eram fabricados pelos pais e até mesmo pelas próprias crianças. Como também, em virtude das carências de recursos econômicos na época de uma boa parte da população, viam a necessidade de

utilizarem-se da imaginação e criatividade. Pôr as crianças hoje não quererem mais esses brinquedos, os adultos lembram com certa melancolia, já que recordaram de seus brinquedos como se fossem verdadeiros tesouros (SANTOMÉ, 2001).

Vemos a necessidade de se retratar cenas explicitamente nas brincadeiras do Sr. LS, através do *dinheiro de papel de bala*, possibilitando negociações, *os ossos de gado que morria*, viravam animais, *os currais, fazia o carro de boi*, de forma que conseguiam até imitar o barulho do carro visto no mundo adulto, e justamente nesse ponto é que Leontiev (2006) nos aponta em relação ao brinquedo na vida da criança que este "surge a partir de sua necessidade de agir em relação não apenas ao mundo dos objetos diretamente acessíveis a ela, mais também em relação ao mundo mais amplo dos adultos" (p. 125).

Brincava na escola e próximo a sua casa, aos arredores, os pais não lhes permitiam que saíssem sozinhos.

A educação familiar na época era muito rígida, havia a separação por gêneros até mesmo entre os irmãos dentro de casa, meninas não se juntavam com meninos, vemos isso na fala do Sr. LS.

O senhor LS, nos falou sobre como brincava-se na escola:

> Tinha as épocas das brincadeiras, agente brincava de bola, tinha a época de pião, quando passava a época de pião, era de bola de gude, que eu chamo (ximbre), a de peteca, aquela bolina de mão, que bate de mão, não faltava brincadeira, a época de carrinho, a professora separava as épocas e agente continuava, os meninos mesmo. Tinha a época do carrinho de quadro rodas, pra um montar, outro empurrar e descer a ladeira. A gente não parava de brincar, tinha a época de brincar de cavalo, a gente pegava uma vara, fazia a cara de um cavalo, botava na ponta da vara, montava e corria, pegava corrida, pra ver quem chegava primeiro, brincava de bilú, de se esconder, não faltava brincadeira (Sr. LS).

O Sr. LS estudou em uma escola feita especialmente para a área em que ele vivia, o campo. Era um ensino voltado as teorias de Froebel, os "jardins de infância", segundo ele era uma escola muito bem organizada, logo na entrada havia um lindo jardim, que as meninas cuidavam e os meninos cuidavam da roça, era uma grande horta nos fundos da escola.

Eles tinham em sua rotina escolar, duas vezes por semana que cuidarem desses ambientes, segundo ele, "*só se aprende fazendo*".

Havia uma grande área para as meninas brincarem, um salão cheio de brinquedos dentro da escola, e os meninos tinham que brincar fora, no pátio, tinha muito espaço também.

O Sr. LS falou que o ensino era muito bom, tinha muita disciplina, e tudo era acompanhado pelos pais, todos os dias a professora mandava a agenda dos alunos com as atividades que tinham que fazer, se fizessem algo de errado, os pais saberiam.

Fabricavam brinquedos e tinham brinquedos prontos, onde a professora inicialmente dividia por épocas, e depois esta função, de dividir logo passava para os próprios meninos.

Quando perguntado sobre a importância do brincar na e para vida. E ainda, quais lembranças o brincar lhe trás?

O Sr. LS falou o que o brincar em sua vida foi:

> Tudo! Brincar em minha vida foi importante em tudo, porque a criança que não brinca não viveu, eu como pobre vivi uma infância de rico. Subi em pau, levei queda, montei a cavalo, peguei passarinho, ajudei os passarinhos nos ninhos, carreguei xerém pros passarinhos nos ninhos, pintei o sete. Brinquei de tudo quanto foi coisa, tomei banho em cachoeira, pintei o sete, fiz de tudo. (Muito emocionado!) Amansei uma parelha de carneiro, que eu via os homens com um carro de boi, com dois bois, ai eu peguei dois burreginhos pequenos, amansei os carneiros na canga, que um dos meus irmãos fez, e fez o carro mais eu, amansei os carneiros, e carreava com eles. Tudo eu mais meu irmão, eu quem fazia os carros, nos brincava pintava o sete (Sr. LS).

Quando indagado sobre as recordações que este brincar lhe trás ele falou:

> Eita! Boas demais! Ih! Se o passado voltasse, Era um respeito muito grande, vinham meninas lá pra casa, agente andava nas estradas, um bando de meninos, ninguém dizia uma piada com agente, nem agente com os outros.
>
> Lembro que naquele tempo, agente tinha que estudar, tudo era comunicado aos pais, tudo o que acontecia lá na escola, vinha anotado na agenda. Era um tempo bom, pobrezinho, mais um tempo de rico (Sr. LS).

O Sr. LS fala também com muito carinho do brincar em sua vida, do quão foi importante essa fase e como ele a viveu de maneira intensa, tudo que tinha para viver,

"*foi um menino pobre, mas teve uma infância de rico*", nesta frase ele deixa transparecer tudo o que o brincar proporciona de melhor, a emoção. Em suas recordações, sobre lembranças boas ele sempre remete-se aos tempos de escola, fala da liberdade e do respeito que havia naquela época um para com o outro, nas relações sociais.

Mais uma vez o faz de conta encontra-se arraigado nas brincadeiras, é a necessidade da criança experimentar viver o mundo adulto.

Vemos a importância do brincar na vida, e para a vida da criança, o quanto este brincar influenciará durante toda uma vida.

Pudemos constatar que as brincadeiras do idoso eram carregadas de faz de conta, à imaginação era quem comandava seu brincar, a criação dos seus próprios brinquedos a partir da observação do mundo adulto.

Conclusões

No instante em que foi traçada a problemática para efetivação deste estudo, tinha-se a preocupação em relação às brincadeiras das crianças hoje em dia estarem sendo tão modificadas, a ponto de perderem espaço para os meios tecnológicos. Tivemos o receio de isso acarretar na criança o não conhecimento das brincadeiras transmitidas pela cultura tradicional/popular que é tão forte ao longo de nossa história. Na intenção de contribuir para uma Educação Infantil que valorize a criança como um sujeito capaz de conhecer e vivenciar sua cultura traçamos a seguinte questão: *as brincadeiras tradicionais podem ser resgatadas no âmbito escolar infantil?*

Ao tempo em que, ressaltamos nesse trabalho, que de maneira alguma pretende impor que as crianças não se utilizem de fontes tecnológicas que promovam seu brincar. Mas que seja possível o conhecimento por parte das crianças das brincadeiras tradicionais, e mais, que elas se tornem efetivas na ação lúdica das crianças, sobretudo pelo prazer e aprendizado que elas proporcionam.

De modo geral, diante do objetivo traçado para efetivação deste estudo, entendemos que as brincadeiras tradicionais podem e devem ser passadas por gerações, cabendo a intervenção de um profissional, isto estende-se ao professor atuante na Educação Infantil.

E Santos (2001) nos confirma enquanto ao papel do professor, que nesse contexto tem três funções principais:

> [...] “observador”, na qual deve procurar intervir o mínimo possível, de maneira a garantir a segurança e o direito à livre manifestação de todos. “Catalisador”, procurando, através da observação, descobrir as necessidades e os desejos implícitos na brincadeira. “Participante ativo” nas brincadeiras, atuando como um mediador das relações que se estabelecem e das situações sugeridas, em proveito do desenvolvimento saudável e prazeroso das crianças (p. 98-99).

Portanto, é possível vemos a enorme importância de professor promover o brincar livre e dirigido, até mesmo como forma de diagnóstico, observando dando-lhe respaldo para trabalhar de maneira efetiva, capaz de atingir as reais necessidades de seus alunos/crianças.

É preciso então que o professor possa fazer o resgate das brincadeiras tradicionais no âmbito escolar infantil, de maneira que possa contemplar momentos de brincadeiras livres e dirigidas, dando a possibilidade das crianças fazerem suas escolhas para o que gostam ou não gostam neste brincar, dando a oportunidade de conhecerem nossa cultura, que é tão viva e não pode ser esquecida, ou simplesmente ser apagada da memória e não passadas para as novas gerações. É neste ponto que este trabalho enfoca sua contribuição, em que o mesmo procurou conhecer como era o brincar do idoso, para com isto dar a possibilidade de haver uma Educação Infantil voltada ao conhecimento da cultura.

O professor poderá criar momentos do brincar tradicional, convidar a criança a entrar em um mundo de aquisição da cultura, propiciando meios para que isto ocorra primeiro mostrando como eram suas brincadeiras, em sua infância, fazer oficinas, após relatar para turma como era esse brincar, proporcionar o brincar livre e dirigido, nos quais as experiências entre professor/criança iriam surgir, havendo a troca de conhecimentos. Convidar pessoas da própria família das crianças, pai, mãe, avós, tios, fazendo com que as famílias enriqueçam os laços com a escola, como também possam compartilhar com o saber, mostrando foi seu brincar. Poderá convidar pessoas da comunidade, uma vez por semana, ou uma vez a cada mês, como se fosse um projeto de conhecimento do brincar como antigamente através das pessoas mais velhas, os idosos (NERY, 2007).

Ao criar esses momentos, o professor estará ampliando o repertório de conhecimentos das crianças das brincadeiras tradicionais, além de proporcionar a interação com o outro. A partir de então, caberá a criança brincar ou não, com essas

brincadeiras tradicionais, mas teremos proporcionado o conhecimento e aquisição da cultura, para que esta não fique parada no tempo, mas que se propague nas gerações atuais e como também nas gerações futuras.

Referências

ATMAN, Raquel Zumbano. Brincando na história. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das crianças no Brasil.* 6 ed. São Paulo: Contexto, 2008. P. 231-258.

BORBA, Ângela Mayer. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: BEAUCHAMP, J.; PAGEL, D.; NASCIMENO, A. R. do.(Orgs.). *Ensino fundamental de nove anos:* orientações para a inclusão da criança de seis anos e idade. 2 ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. p. 33-44.

BROUGÈRE, Gilles. A criança e acultura lúdica. IN: KISHIMOTO, Tizuko Morchida. (Org.). *O brincar e suas teorias***.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 1998. p. 19-32.

CARVALHO, Maria Jaqueline Paes. Tecendo relações entre o brincar e a ação do/a professor/a. IN: *Encontro nacional de didática e prática de ensino*. Belo Horizonte, Anais Eletrônicos, 2010.

CERISARA, Ana Beatriz. De como o Papai do Céu, o Coelhinho da Páscoa, os Anjos e o Papai Noel foram viver juntos no céu! IN: KISHIMOTO, Tizuko Morchida. (Org.). *O brincar e suas teorias***.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 1998. p. 123-138.

DORNELLES, Leni Vieira. Na escola infantil todo mundo brinca se você brinca. IN: CRAIDY, C e KAERCHER, G. E. da S. *Educação infantil*: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 101-109.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *O jogo e a educação infantil*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 1994.

_____. *Jogos infantis*: O jogo, a Criança e a educação. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. O jogo e a educação infantil. IN: _____. (Org.). *Jogo, brinquedo, brincadeira e educação.* 12.ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 13-43, cap. 1.

LEONTIEV, A. N. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. In: VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A.N. (Orgs.). *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 10. Ed. São Paulo: 2006. 119-142.

MOYLES, J. R. Desemaranhando o “mistério do brincar”. In: _____. (Org.) *Só Brincar?* O papel do brincar na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2002. p.17-30, cap.01.

_____. O brincar e a criança diferente. In: _____. (Org.) *Só Brincar?* O papel do brincar na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 141-162, cap.08.

NERY, Alfredina. Modalidades organizativas do trabalho pedagógico: uma possibilidade. In: BEAUCHAMP, J.; PAGEL, D.; NASCIMENO, A. R. do.(Orgs.). *Ensino fundamental de nove anos*: orientações para a inclusão da criança de seis anos e idade. 2. ed., Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. p. 109-134.

SANTOMÉ, Turgo Torres. A socialização infantil por meio do jogo e do brinquedo: discursos explícitos e ocultos sobre o jogo e a brincadeira nas instituições escolares. IN: CANEN, Ana e MOREIRA, Antonio Flano. Barbosa (orgs). *Ênfase e omissões no currículo*. Campinas, SSP: Papirus, 2001.

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dod. Promovendo o desenvolvimento do faz-de-conta na Educação Infantil. IN: CRAIDY, C e KAERCHER, G. E. da S. **Educação infantil**: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 89-100.